

2 v. com 1

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE
**HISTORIA DE UM
PESCADOR**
Completa



JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

HISTORIA DE UM PESCADOR

A mais interessante historia até hoje conhecida; quem lê a primeira pagina ficará ansioso para ver o fim do livro.

EM um estado da Grecia antigamente existia, um pescador velho honrado que honestamente vivia sustentava seus filhinhos, somente da pescaria.

A sua extrema pobreza não se pode comparar, tirando-lhe a pescaria não tinha aonde ganhar os peixinhos que pegava, dava para se sustentar.

As vezes passava fome por um misterio que havia, de uma promessa que fez que a muito tempo cumpria: de botar a rede n'agua, tres vezes por cada dia.

Há mais de 40 anos que vivia de pescar, aonde houvesse agua e peixe pescava em qualquer lugar: foi pescar naquele dia, num porto da beira-mar,

Chegando, voou a rêde
na horinha acostumada,
quando puchou no cordão
encontrou muito pesada
diz ele: ou é um peixe,
ou então está enganchada.

Ele foi puxando a rêde
porêm com dificuldade,
julgando ser tudo peixe;
disse; oh! que felicidade
era a ossada de um burro,
dos tempos da antiguidade.

Ele ficou muito triste
vendo que não pegou nada,
pensando de onde veio
aquela antiga ossada
pois além de não ser peixe,
deixou-lhe a rêde rasgada.

Como ele tinha cordão
depressa o conserto fez,
atirou a rêde n'agua
e puxou com rapidez
achou ela mais pesada,
de que a primeira vez.

Julgando a rêde enganchada
ainda deu um mergulho,
trazendo a rêde nos braços
e dentro viu um embrulho
era um cêsto velho pôdre,
cheio de lama e basculho.

Ele ai soltou a rêde
pegou a se lastimar,
dizendo: ai meus filhinhos!...
como é que hão de passar
só falta o unico lance,
para me desenganar!...

Santo Deus!... mostrai-me um geito
como é que hei de fazer,
se eu perder esse lance
mais tarde tenho de ver
meus filhinhos inocentes,
jejuando sem comer.

Dizendo aquelas palavras
começou logo a chorar,
—sou um pobre sem recurso
não tenho com que passar
lá em casa só se come,
no dia que vou pescar.

Faltava apenas um lance
para o pescador botar,
ele voou sua rêde
porêm quando foi puxar
encontrou-a tão pesada,
quase não pode arrastar.

Ele com muito trabalho
puxou a rede p'ra fóra,
vendo que não era peixe
diz ele; estou caipóra,
é este o ultimo lance,
o que é que faço agora.

O pescador chegou fóra
ficou muito admirado,
porque encontrou na rêde
um vaso todo fechado
viu que o vaso era cobre,
ficou bastante animado.

Dizia ele comsigo :

—foi melhor do que perder,
como esse vaso é de cobre
na vila eu posso vender
com o dinheiro eu compro trigo,
para meus filhos comer.

Ele examinou o vaso
p'ra ver se tinha algum furo,
e viu que na tampa dele
tinha um sêlo bem seguro
conheceu que aquele sêlo,
era um metal muito duro.

Ele pegou num trinchête
começou a investigar,
para ver se abria o vaso
não escolheu lugar
com trabalho abriu o vaso,
pensando depois fechar.

Pelo furo que ele fez
saiu naquele momento,
uma forte ventania
com um fumaçeiro cinzento
que subiu na beira mar,
foi até ao firmamento.

O pescador nesta hora
pouco faltou para morrer,
vendo o céu interrompido
e o oceano a gemer
deu-lhe tremuras nas pernas,
nem se quer poude correr.

Depois de cinco minutos
que ele estava abismado,
viu que aquela fumaça
toda se tinha juntado
formando um nevoeiro,
cada vez mais carregado.

O pescador com aquilo
ficou um pouco animado,
viu bem que aquela nevoa
que ali se tinha juntado
se transformava num monstro
de tamanho agigantado.

O velho morto de mêdo
viu tudo que se passou,
quando juntou-se a fumaça
e quando se transformou;
o monstro chegou a ele,
e por este modo falou:

—Salomão!... rei dos profétas
perdôe-me por caridade,
jurei nunca fazer nada
contrario a vossa ventade
hoje sem a vossa ordem,
me puzeram em liberdade.

O pescador animou-se
ao monstro respondeu;
—me diz, espirito soberbo
que discurso é este teu
já fazem dezoito seculos,
que este proféta morreu,

Tú falaste em seu nome
devido alguma memoria,
mesmo a tua liberdade
te trouxe a grande vitoria
exijo em nome de Deus,
que tú me contes essa historia.

Não é somente a historia
de eu ter te libertado,
tambem é este misterio
de que estou maravilhado
de passares tantos anos.
n'aquela vaso trancado.

O monstro gritou dizendo
—quem te deu a liberdade,
para que venhas tratar-me
com tanta brutalidade?
por isso tens de morrer,
te mato sem piedade.

O pescador já cismado
tornou a lhe perguntar:
—eu não te fiz mal nenhum!...
porque me queres matar!?...
eu te dei a liberdade,
é com que queres pagar?!

Disse o monstro ao pescador
—não podes me convencer
como tú me libertasse
dou licença a escolher
a qualidade da morte,
como pretendes morrer.

Disse o pescador a ele;
—me matas sem ter motivo?
o monstro lhe respondeu:
---suspende o teu rogado
toda arrumação eu faço,
mas não para deixa-lo vivo.

O pescador soluçando
desta forma se maldiz:
que hora amaldiçoada!...
como sou tão infeliz
queres pagar com a morte,
o beneficio que fiz.

Ai o monstro lhe disse:
---perdes o tempo em chorar
tua sentença de morte
não posso mais revogar
ouve bem por qual motivo,
eu te pretendo matar...

Sou um espirito rebelde
que fugi dos mausoleus,
fui contrario a Salomão
grande proféta de Deus:
do inferno fui tangido,
não tive entrada nos céus...

Fui eu que sai perdendo
em toda situação,
o meu companheiro Sacar
fez parte desta questão
fomos levados a presença,
do proféta Salomão.

Este proféta de Deus
tratou-me sem piedade,
prometeu dar-me um castigo
para toda eternidade
por eu ter quebrado a jura,
da sua fidelidade . . .

Ele mandou vir um vaso
aquele que te mostrei,
fez nele um pequeno furo
e com a palavra de rei
me disse entre no vaso,
eu fui ogridado, entrei.

Internou-me neste vaso
alem de pequeno escuro,
fechando aquela abertura
com um metal muito duro
botou um sêlo por cima,
p'ra me deixar bem seguro.

Para que eu não pudesse
fugir daquela prisão,
sobre o sêlo do proféta
se lia com distinção
o grande nome de Deus,
escrito por Salomão.

O proféta Salomão
procurava se vingar,
mandou vir um dos seus genios
deu ordem a me castigar
entregando o vaso a ele,
para sacudir-me no mar.

O genio se interessava
fazer a prisão segura,
voou-me sem piedade
de uma monstruosa altura
num mar revoltado que tinha,
tres mil metros de fundura.

Senti o vaso descendo
para o abismo profundo,
bateu sobre a tona d'agua
precipitou-se no fundo
tomei aquele castigo,
por despedida do mundo! . . .

O vaso caiu num sitio
escuro e desconhecido,
fiquei naquele lugar
por todo mundo esquecido
na mesma situação,
de quem já tinha morrido.

Depois de cinquenta anos
que estava na escuridão,
jurei dar grande riqueza
a qualquer feliz cristão
que antes do fim do seculo,
me tirasse da prisão . . .

Mas isto é impossível
quem podia advinhar,
que eu estava preso num vaso
dentro do fundo do mar!...
assim passaram cem anos,
e eu no mesmo lugar.

No principio deste seculo
jurei com fidelidade,
fazer um grande monarca
de mais alta autoridade
a qualquer homem da plebe,
que me desse a liberdade.

Porém a sorte fugiu-me
não pude achar um amigo,
que por obra do acaso
pudesse encontrar comigo!...
findou-se o segundo seculo,
e eu no mesmo castigo...

Depois de trezentos anos
pegou a onda arrastar,
tirando o vaso do canto
botando em outro lugar
até que um dia deixou-me
perto da beira do mar.

Eu não suportava mais
tamanho barbaridade,
amaldiçoei meu nome
para toda eternidade
e jurei matar a pessoa,
que me desse a liberdade!...

Nas condições que me achava
não me convinha existir,
prestei o meu juramento
agora hei de cumprir
a bôa jura perdeu-se,
a ruim vem me servir.

Quando o monstro terminou
toda sua narração;
disse para o pescador:
—prestasses bem atenção?
vês bem que p'ra tua vida,
nunca pode haver perdão.

Eu te contei esta historia
para bem te convencer,
jurei tirar-te a vida
não posso mais suspender
já está passando da hora,
te apronta para morrer.

Vendo o pescador que o monstro
queria sempre mata-lo,
não sabia mais de um geito
com que pudesse abrandá-lo
formulou uma cilada,
ver se podia enganá-lo.

O pescador disse a ele:
—tú és um monstro orgulhoso,
o teu mau procedimento
eu acho até vergonhoso,
alem de seres malvado,
és um fino mentiroso.

Estas palavras do velho
quando o monstro foi ouvindo
foi logo lhe perguntando
já com os dentes rangindo:
---me diz qual foi o lugar,
onde me visse mentindo?!

O pescador respondeu:
---eu tenho necessidade,
de propalar tua vida
a tua imoralidade
provando que a tua historia,
nunca pode ser verdade.

O pescador nesta hora
mostrou-se muito animado,
de ver diante de si
aquele monstro enraivado
viu logo que tinha feito
um plano muito acertado.

Ai lhe disse de novo:
---te desminto e não me acanho
se abrires questão comigo
tenho certeza que ganho
como saiu deste vaso,
um monstro do teu tamanho?!

Essa tua historia toda
faz de conta que sonhei,
de entrares naquele vaso
isso nunca acreditei
se entrares na minha vista,
assim acreditarei.

O monstro olhou dizendo
com toda perversidade:
---vou te mostrar um exemplo
sem usar da falsidade;
cortarei tua cabeça,
quando provar-te a verdade.

Deu o vaso ao pescador
e disse: preste atenção;
quando o pescador ouviu
aquela enorme explosão
virou-se o monstro em fumaça,
do espaço até o chão

O pescador teve medo
de um modo sempre animado
porque, na primeira vez
ele tinha reparado
ficou atento esperando,
para ver o resultado.

O pescador reparando
tudo quanto o monstro fez,
transformou-se em sua vista
com a maior rapidez
e depois entrou no vaso,
como da primeira vez.

Depois que ele entrou no vaso
mostrou que tinha razão,
disse logo ao pescador:
---você perdeu na questão
me diz pescador incredulo
se me acredita ou não.

O velho neste momento
empregou todo cuidado,
se havia de responder;
ficou um instante calado
que quando o monstro deu fé,
o vaso estava fechado.

O velho fechou o vaso
sem o monstro presentir,
porêm ainda cismado
que ele pudesse abrir
pregou-lhe o selo por cima,
para o monstro não sair.

Quando o monstro conheceu
que o vaso estava fechado,
disse num urro medonho:
—oh pescador condenado!?...
quando eu sair deste vaso,
dou-te um doce assucarado.

Disse o pescador a ele:
—tú agora hás de saber,
quanto é bom se matar outro
sem culpa nenhuma ter;
p'ra me pagar o que deves,
te apronta para morrer.

O monstro disse p'ra ele:
—sempre fui teu camarada;
não queiras me castigar
pois não lhe ofendi em nada
as asneiras que lhe disse,
foi tuas por caçoada.

O monstro ainda lhe disse:
---preste-me toda atenção,
leve os peixes p'ra cidade
venda eles ao sultão
pois quando ele ver os peixes,
fica morto de ambição...

Quando voares o lance
empregue todo cuidado,
na rede vem quatro peixes;
não fiques admirado
vem um azul e um branco,
um preto e outro encarnado...

Tudo quanto eu já lhe disse
você bem compreendeu,
se sair mal na empresa
o culpado não fui eu
findando o monstro as palavras,
ali desapareceu.

Ficou o velho sosinho
olhando o lago sombrio,
que mostrava no inverno
como no tempo de estio
umas ondas tão revoltas,
do mais caudaloso rio.

Disse o pescador consigo:
---vou logo experimentar,
se o monstro fala a verdade
ou se me quer enganar
atirou a rede n'agua,
começou logo a puxar.

Quando a rêde chegou fóra
ele estava impaciente,
viu que tinha quatro peixes
cada qual mais excelente
o velho ficou pasmado,
quasi morto de contente.

Ele ai pegou nos peixes
tirou com muito cuidado,
viu que estava do geito
que o monstro tinha avisado
tinha um azul e um branco.
um preto e outro encarnado.

Disse o velho : nunca vi
peixe dessa qualidade,
vou ver se faço com ele
a minha felicidade
d'ali seguiu apressado,
foi vende-lo na cidade.

Aonde o velho passava
diziam por ambição :
—os peixes são p'ra negocio ?
respondia o velho : não
estes peixes estão vendidos
ao palacio do sultão.

Chegou o velho em palacio
cada vez mais animado,
foi no portão do jardim
deu um ciu para o creado
dando a conhecer a ele,
que estava um pouco vexado.

O creado chegou logo
e foi abrindo o portão,
perguntou-lhe : tem negocio ?
o velho disse : pois não
trago estes quatro peixes,
p'ra vendê-los ao sultão.

O creado disse a ele :
—o senhor pode subir,
embora que esta compra
eu não possa decidir
porêm vou participar,
ao nosso Grão-vizir.

O Vizir olhou p'ra ele
com muita admiração,
quando viu os quatro peixes
ficou com tanta ambição
levou logo o pescador,
a presença do Sultão.

Quando o Sultão viu os peixes
ficou muito interessado,
disse logo ao pescador :
—serás bem recompensado
deu-lhe cem peças de ouro
apenas como um agrado.

O pobre do pescador
quaze morre de alegria,
porque nunca tinha visto
tão avultada quantia
dali saiu para casa,
sem saber p'ra onde ia.

O pescador foi p'ra casa
o sultão ficou vexado,
dizendo p'ra seu Vizir
---chame ai por um criado
mande os peixes p'ra cosinha,
p'ra fazer um ensopado.

O sultão disse ao Vizir :
—quero uma cousa ligeira,
temendo ele que o criado
não fizesse alguma asneira
foi ele mesmo levar,
os peixes á consinheira.

Disse ele a consinheira
p'ra melhor recomendar:
---pegue estes quatro peixes
que o sultão manda fritar
faça o melhor que puder,
p'ra ele não reclamar.

Ela interessou-se muito
pela recomendação,
depois dos peixinhos prontos
como mandava o sultão
botou-os na caçarola,
e levou-os para o fogão.

Assim que a caçarola
principiou a ferver,
a consinheira foi vendo
o palacio estremecer
com um sussurro medonho,
que a terra chegou tremer.

Escutou ela o sussurro
para ver de onde vinha,
quando abriu-se de repente
a muralha da cosinha
saiu de dentro uma jovem,
com o trage de rainha.

Toda vestida de sêda
com estufos de setim,
com braselêtes de ouro
guarnecido de rubim
de um porte tão elegante,
nunca se viu outra assim.

Usava um colar de perolas
com o seu monograma escrito,
aneis com lindas turquêzas
quase da côr de granito
com um boquet de flôr no peito
fabricado no Egito.

A consinheira assombrada
de pavor e comoção,
olhava p'ra aquela jovem
prestando toda atenção
viu bem que ela trazia,
uma varinha na mão.

A Jovem desconhecida
para o fogão caminhou,
nos peixes da caçarola
com a varinha tocou
depois de olhar para os peixes,
deste modo perguntou.

—Peixes que a sorte despreza
venho aqui para saber,
não precisa falar todos
basta só um me dizer
se assim nestas condições,
cumpriste o vosso dever?

Um peixe lhe respondeu :
—se contares, nós contamos,
se pagares vossas dividas
as nossas também pagamos
se fugires nós vencemos,
e mais contentes ficamos.

O peixe disse as palavras
num instante se calou,
n'aquilo abriu-se a muralha
depressa a jovem entrou
não ficando um só vestigio,
no lugar qu'ela passou.

A cosinheira que estava
recostada no fogão,
do medo que tinha tido
na fatal ocasião
quando se lembrou dos peixes
tinha virado em carvão.

Quando a cosinheira viu
o peixe todo queimado,
deu um grito muito feio
de quem viu malassombrado
devido o peixe ter sido,
por demais recomendado.

Diz ela : ninguem dar crença
nisto que me aconteceu,
o peixe recomendado
na caçarola se ardeu
depois de averiguado,
a mentirosa sou eu.

Dizia ela chorando :
—não sei que será de mim !...
pois o sultão meu senhor
para nós nunca foi ruim
mas vendo os peixes queimados,
é capaz da dar-me fim !

O vizir na sua luta
estava sempre lembrado,
sabendo que o Sultão
inda não tinha jantado
foi depressa á cozinha,
ver se ela tinha aprontado.

Quando chegou na cosinha
quase que perde a razão,
viu dentro da caçarola
o peixe todo em carvão
a cosinheira chorando,
recostada no fogão.

O vizir por sua vez
mostrou-se muito vexado,
ia saber do motivo
que o jantar foi demorado
em vez de encontra-lo pronto,
achou o peixe queimado.

A cozinheira contou-lhe tudo quanto se passou, ele não deu tanta crença mas não desacreditou disse a ela: eu vou a côrte, para ver que geito dou.

O vizir foi para a côrte disse a ela que esperasse, uns dez ou quinze minutos enquanto ele voltasse; mas ele ia cismado sem saber o que contasse.

Disse ele ao sultão; --me acho um pouco nervoso, vou contar-lhe a narrativa de um grande assunto assombroso deu-se agora na cosinha, um caso misterioso.

Disse ele: o caso passou-se dessa e d'aquela maneira, para não demorar muito fez a historia ligeira dizendo tudo ao sultão o que lhe disse a cosinheira.

O sultão ficou pasmado foi logo lhe respondendo: ---essa historia não é certa assim está me parecendo misterio dessa maneira, eu só acredito vendo.

Disse o sultão: me parece que vi como se passou, de que forma a cosinheira dos peixes se descuidou inda ela queimando os peixes, não vai dizer que queimou.

Ele ai disse ao vizir: ---pela minha opinião. isso só foi muito fogo que ela botou no fogão eu amanhã saberei, se isso é verdade ou não.

O sultão disse ao vizir: ---o senhor tome cuidado de dizer ao pescador que ele fica obrigado vir falar hoje comigo, na corte do meu reinado.

O vizir tambem cismado lhe respondeu: sim senhor, dali seguiu sem demora procurando um portador mandou por ele um recado, na casa do pescador.

O pescador espantou-se temendo aquele chamado, teve vontade de não ir porêm como era obrigado seguiu naquele momento, para a côrte do reinado.

Quando ele chegou na côrte
o sultão lhe recebeu,
e foi lhe dizendo logo:
—quem mandou chamar fui eu
p'ra me arranjar quatro peixes
iguais aos que me vendeu.

Disse o velho: sim senhor
irei amanhã pescar,
como são só quatro peixes
não é difícil arranjar
só não chegarei com eles,
se eu não pudér pegar.

O velho voltou p'ro lago
um pouco sobressaltado,
chegou vuou logo a rede
como era acostumado
vieram os quatro peixinhos,
que estava determinado.

Guardou ele os quatro peixes
com muita satisfação,
pois sabia que com eles
talvez ganhasse um braço
foi leva-los sem demora,
no palacio do Sultão.

O Sultão pegou nos peixes
chamou o seu Grão-Vizir,
dizendo-lhe: hoje é o dia
da questão se decidir
os misterios da cosinha,
eu também vou assistir.

Foi o Sultão p'ra cosinha.
o vizir lhe acompanhou,
o sultão levou os peixes
de mais ninguem confiou
não deu mais á cosinheira,
ele mesmo consertou.

E depois dos peixes prontos
pegou com a propria mão,
botou-os na caçarola
e levou-os para o fogão
botou-lhe fogo a vontade,
prestando toda atenção.

Assim que a caçarola
principiou a ferver,
de novo abriu-se a muralha
viram um prêto aparecer
dizendo: não sou mulher,
não tenho de quem temer.

Virando-se para o sultão
que estava junto ao vizir,
dizendo: hoje é o dia
da questão se decidir!...
quem se julga poderoso,
procure a me reagir.

Não se sabe explicar
como ficou o sultão,
olhava para aquele monstro
prestando toda atenção
viu que o prêto trazia,
um cipó verde na mão.

Era um negro exquesito
trajava roupão de góla,
com um cinturão bem largo
e umas perneiras de sola
foi olhar os quatro peixes,
que tinha na caçarola.

Olhou os peixes e disse:
---eu também quero saber,
acho bom que um me fale
ao menos p'ra me dizer
se assim nestas condições,
cumpriste o vosso dever,

Dos peixes da caçarola
lhe respondeu o maior;
---tua vida de misterio
eu conheço ela de cór
e se soubesses o que sei,
chorando estava melhor.

O negro ainda falou
com a vóz de furacão.
agarrou a caçarola
rebolou-a sobre o chão
transformou os quatro peixes,
num bocado de carvão.

Deu mais uma vira volta
que o castelo abalou,
depois deste vai e vem
o muro abriu e fechou
não puderam ver o negro,
a direção que tomou.

O sultão que estava imovel
pelo medo congelado,
olhou para o seu vizir
e disse muito cançado
---estou de veras nervoso,
e muito impressionado...

Hoje considero morta
a minha felicidade,
de onde eu não esperava
surgiu a fatalidade
sepultando pôr completo,
a minha tranquilidade...

Isto que passou-se agora
outra pessoa não crêr,
parece que foi mandado
somente para eu ver
está visto que bôa cousa,
não me vem acontecer.

E disse para seu vizir;
---procure um bom portador,
ajuste logo a viagem
seja lá por quanto for
p'ra ele ir a toda pressa,
na casa do pescador.

O vizir mandou um homem
levar aquele recado,
o pescador já sabia
que aquilo era obrigado
em menos de duas horas,
estava ele no reinado.

O velho nada sabia
de tudo que se passou,
quando ele entrou na côrte
o sultão lhe perguntou :
—os peixes que me vendeu,
aonde foi que pegou?

O pescador nesta hora
considerou-se enrascado,
porêm logo ao pé da letra
respondeu muito vexado :
—num lago que tem aqui,
muito perto do reinado.

O sultão mandou chamar
os empregados que havia,
perguntou a todos eles
p'ra ver se algum conhecia
este lago nunca visto,
que o pescador dizia.

Depois que juntou-se tudo
o sultão foi perguntar,
diziam por uma bôca:
—não se pode acreditar
um lago perto do reino,
nós nunca havíamos falar.

O sultão disse ao velho :
—eu tambem não tenho fé
aqui perto do reinado
não tem rio, nem maré ;
o senhor tem de mostrar,
este lago aonde é.

O pescador respondeu
---pode crêr no.que eu disser,
a culpa recairá
por cima de quem tiver
eu irei mostrar o lago,
no momento que quizer.

O sultão mandou a ordem
que juntasse um esquadrão,
com quatro metralhadoras
e tres peças de canhão
d'ali foi tudo p'ro lago,
com aquilo puchado a mão.

Com muito boa vontade
tudo aquilo se fazia ;
p'ra eles não tinha peso
as peças de artilharia
marchava o sultão na frente,
e o pescador era o guia.

Disse o pescador adiante :
---no caso que possa ser,
vamos andar mais dépressa
é esse meu parecer
para chegarmos no lago,
antes de anoitecer.

Subiram numa montanha
porem num alto rojão,
na descambada avistaram
aquela vasta amplidão
que de longe parecia,
os baixios do sertão.

A estrada era boa
porém tinha muita areia,
todos eles já pensavam
que estavam em terra alheia
chegaram a beira do lago
as quatro horas e meia.

O sultão chegou no lago
mostrou logo a sua gente,
aquela agua cristalina
alem disso transparente
os peixinhos coloridos,
cada qual mais excelente.

Disse ele aos cortezões:
—eu já me certifiquei;
o que o pescador me disse
em tudo já acreditei
estes peixes são iguaes,
aos outros que eu comprei.

Respondeu-lhe um cortezão:
---me desculpe magestade,
tenho setenta e tres anos
já não é tão pouca idade
mas nunca vi este lago
tão perto assim da cidade.

Nem mesmo este povo antigo
deste lago não sabia,
nem as grandes caravanas
que passam por travessia,
fóra deste pescador,
ninguem mais o conhecia.

O sultão cada vez mais
tornava-se impaciente,
vendo as cousas naturaes
tornar-se tão diferente
falou com o seu vizir,
muito particularmente.

Disse ele ao seu vizir
---não sei o que hei de fazer;
aquele preto que vi
que não posso me esquecer
tenho máu presentimento,
do que vai acontecer.

Disse o vizir; estas cousas
não convem se comentar,
o sultão lhe respondeu:
—quem já viu peixe falar?!...
inda posso ter socêgo,
quando me desenganar.

Chamei-o em particular
somente p'ra lhe dizer,
que vou sair pelo mundo
só volto se conhecer
o nêgro, o lago e os peixes,
tudo isto o que quer dizer.

Lhe darei todas as ordens
antes de me retirar,
empregue o maior cuidado
no modo de governar
não deixe o lago sosinho,
até quando eu voltar.

O sultão por despedida
inda tornou a dizer :
—essa viagem que faço
não é p'ra ninguém saber
me guarde este silencio,
do modo que poder ser.

Quando algum dos cortezões
vier por mim perguntar,
responda que estou dormindo
não quero me incomodar
e assim vamos passando,
até quando eu voltar.

Quando o vizir conheceu
que o sultão se despedia,
vendo naquele reinado
a falta que ele fazia
foi lhe fazer um pedido,
para ver se ele atendia.

Lhe disse : ó rei meu senhor
não seja precipitado,
desvendamos este misterio
de um modo mais bem pensado
rei meu senhor indo embora,
com quem fica o seu reinado ?

O sultão nem deu resposta
porem nessa mesma hora,
disse para seu vizir :
eu não posso ter demora
botou a espada na cinta,
despediu-se foi embora.

O sultão seguiu sosinho
não quiz levar companhia,
passou a noite no mato
e quando amanheceu o dia
saiu pelo mato a dentro,
sem saber por onde ia.

Dizia ele comsigo :
—prefiro antes morrer,
de que voltar para a côrte
sem de nada conhecer
o negro e aqueles peixes.
o que é que vem a ser.

N'aquela resolução
foi obrigado a seguir,
subindo e descendo serras
sem poder mais resistir
só em pensar no misterio,
nunca mais pode dormir.

No outro dia, de tarde
viu com admiração,
no meio da mata escura
içava-se um pavilhão
saindo de um semi-circulo,
de grande carramanchão.

Ele vendo aquele vulto
ficou um pouco cismado,
mas depois de conhecer
que aquilo era um sobrado
ele julgava que fosse,
o castelo de um reinado.

Era um palacio rico
com um belo ornamento fino,
coberto com aço dôce
ferrado de metal de sino
feito de marmore prêto,
de um sistema byzantino.

Ele da sua morada
já se achava muito alem,
de vêr alguma pessoa
se interessava tambem
andou em roda do palacio,
mas não encontrou ninguem.

Depois viu uma porta aberta ;
diz ele ; o que faço eu ? ! . . .
chegou-se p'ra perto dela
com muita força bateu
zuou em todo castelo,
mas ninguem lhe respondeu.

Ele observou da porta
um salão bem mobiliado,
disse ele ; agora eu entro
porque estou muito cansado
embora depois de tudo,
me veja prejudicado.

Confiado em seu poder
determinou-se a entrar,
depois que entrou no salão
que pegou a reparar
viu tanta cousa bonita,
que não quiz mais se sentar.

Ele reparava tudo
e comsigo dizia assim :
—um castelo como este
só estava bom para mim
foi sentar-se em um gabinete,
que olhava para o jardim.

Faziam uns cinco minutos
que ele estava acentado,
quando de repente ouviu
os gritos de um desgraçado
com uma exclamação tão grande,
que ficou quaze assombrado.

para ouvir mais de perto
foi sentar-se no jardim,
dizia ele ; quem grita ? ! . . .
será com raiva de mim ?
depois viu que o miseravel,
chorava dizendo assim :

---Oh ! destino adversario ! . . .
não me consentes gosar,
o meu ditoso futuro
que Deus prometeu-me dar
abrandai meu sofrimento,
tendes dó do meu penar ! . . .

Quem procede assim comigo
desconhece humanidade,
não há quem possa dar geito
a tanta barbaridade ! . . .
me sacudiram nas garras,
da negra fatalidade ! . . .

Meu corpo já não suporta
tanto penar e sofrer,
sofrendo desta maneira
eu não desejo viver
quem vive em taes condições,
antes mil vezes morrer! . . .

Vivo neste esquecimento
leprozo, nojento, imundo,
metido nestes andrajos
peor que um vagabundo
eu sou entre as creaturas,
o mais infeliz do mundo.

Aquele grande misterio
cada vez se complicava,
ele já penalizado
deste infeliz que chorava
saiu percorrendo as salas,
para ver se encontrava.

Andou por todas as salas
já quase desenganado,
depois saiu num salão
e observou de um lado
tinha um moço em pé num canto,
com o rosto de um finado.

Ele estava sobre um trono
a pouco altura do chão,
magro, triste e amarelo
trajava um curto roupão
denunciava os suplicios,
dos tempos da inquisição.

O sultão saudou o moço
muito respeitosamente,
viu logo que ele era
de uma familia excelente
se não fosse um magistrado,
partia de boa gente.

O moço correspondeu-lhe
com o respeito devido,
dizendo: eu peço desculpa
deste erro cometido
em eu não cumprimenta-lo,
como lhe é merecido.

Ergueu sua vestimenta
e disse para o sultão;
—olhe bem p'ra meu estado
ele prestou atenção
era de ferro maciço,
da cintura até o chão.

Quando o Sultão viu aquilo
logo imaginou comsigo;
o negocio vai sair,
do mesmo geito que eu digo
este mancebo encantado,
inda vem bolir comigo.

O sultão vendo o mancêbo
em ferro já transformado,
depressa lhe perguntou
porém medroso e cismado:
—que crime tem o senhor?
para viver neste estado?!

Como estava impaciente
lhe disse assim o sultão:
—me diga por qual motivo
vive assim nesta aflicção,
talvez eu possa dar jeito,
tira-lo desta prisão.

Lhe respondeu o mancêbo
---remedio eu nunca hei de ter
nêstes quatro ou cinco dias
tenho por certo, morrer
mesmo minha historia é longa,
não lhe convem a saber.

O sultão disse ao mancêbo:
---não, basta o que já sofreu;
pode contar sua historia
de tudo quanto se deu
juro que sua vingança
quem vai toma-la sou eu.

Disse o mancêbo ao sultão
---vossa promessa eu aceito---
relatarei meu passado
com o divino respeito
principiou sua historia,
mais ou menos desse jeito:

---Sabereis senhor amigo
o meu pai foi um sultão,
o dono das ilhas prêtas
chefe d'aquela nação
que há tempo foi destruida,
pela criminosa mão...

Antes dele falecer
chamou-me um dia a seu lado,
me orientando em tudo
conhecendo o seu estado
quando faleceu, deixou-me,
como sultão do reinado...

Eu era quase um menino
mas sabia governar,
depois me deram um conselho
que eu devia me casar
porêm o tal casamento,
bem caro veio me custar...

Me arranjaram um casamento
que virou n'uma esparrela,
a moça que me trouxeram
era uma jovem donzela
eu era além disso tudo,
primo legitimo dela...

Inda fiquei mais alegre
pelo meu merecimento,
minha prima era uma jovem
de um belo comportamento
tive um grande regosijo,
com este meu casamento...

Eu vivia no reinado
era uma vida de gloria,
algumas destas passagens
eu conservei na memoria
lhe peço toda atenção,
p'ra ouvir o fim da historia.

Com dez dias de casado
parece que foi castigo,
o que se deu em palacio
eu inda morto não digo
a minha prima e esposa,
esta ficou mal comigo . . .

P'ra tomar sua vingança
tornou-se uma traçoieira,
arranjava as escondidas
um copo de dormideira
eu bebia de tardinha,
p'ra dormir a noite inteira.

Quando eu pegava no sono
ela vinha reparar,
depois saia sosinha
pelo mundo a passeiar
pelas cinco horas da manhã,
é quando vinha chegar.

Eu já cismado de tudo
fiz como quem não sabia,
botei a bebida fóra
me fingindo que bebia
fiz que estava dormindo,
para saber o que havia . . .

Eu fingindo que dormia
ela veio me escutou,
vendo que eu estava dormindo
num instante se aprontou;
e disse: dorme pateta! . . .
sem tua licença eu vou . . .

Eu quase sem paciencia
a tudo isto assisti
da cama desci ligeiro
num momento me vesti
botei na cinta um alfange
e no rasto dela segui.

Eu casei com esta prima
porem não a conhecia,
ela passou quinze anos
estudando bruxaria
arranjava o que quizesse,
por meio da feitiçaria . . .

Andei cuidadosamente
num andar bem compassado,
de forma que ela não visse
por onde eu tinha passado
eu presenciava tudo,
e andava sempre atrazado . . .

Seguiu por uma avenida
sem receio nem cauté-la,
eu que andava ocultamente
porem sempre ao lado dela
vi bem um preto africano,
quando hobreou-se com ela . . .

A ira cresceu-me tanto
que eu já não me dominava,
fiz das tripas coração
para ver se suportava
ao menos p'ra divulgar,
o que o preto conversava . . .

Foram d'aquela avenida
passeiar n'outro jardim,
sairam de braços dados
eu vi, não fiquei em mim
embosquei o africano,
p'ra vêr se dava-lhe fim...

Acostei-me a uma roseira
que tinha no pé do muro,
além de passarem perto
era um lugar bem escuro
dali era muito facil,
eu dar-lhe um golpe seguro.

Fiquei naquele lugar
e vi quando ele passou,
vinha com ela de braço
quando mais perto chegou
dei-lhe um golpe com o alfange,
que o preto deslocou...

O preto caiu dizendo:
—saiu caro este namôro!
diz ela; estás degolado?!...
falou com cara de choro
teu pescôço está pegado,
somente no cabelouro!...

Disse ela ao moribundo
—tanto que eu sou prevenida!...
porem agradeço isto
a mão da fêra homicida
usarei os meus encantos,
p'ra ver se te salvo a vida...

Ela olhou para o prêto
que quase não se bolia,
fez ali mais que depressa
uma certa bruxaria
quando acabou garantiu-lhe,
que o prêto não morria...

Eu dei o golpe no prêto
depressa me ocultei,
fui correndo até em casa
chegando me agasalhei
por isso ela não sabia,
nem siquer, se me acordei...

Ela pegou este prêto
toda em pranto banhada,
botou-o num lugar seguro
que não lhe faltasse nada
foi p'ra casa agasalhar-se,
as quatro da madrugada...

Eu fiz que estava dormindo
quando vi ela chegar,
num momento abriu a porta
mas não se ouvia pizar
fez que amanheceu dormindo,
p'ra eu não desconfiar...

Quando amanheceu o dia
eu me fiz bem deslembrado,
dando as ordens no palacio
como era acostumado
porêm notei que ela estava,
com o semblante mudado...

No outro dia seguinte
ela mandou costurar,
cinco ou seis vestidos pretos
sem nada me participar
vestiu-se toda de luto,
e veio se apresentar.

Chegando, falou-me assim
com presunção e vaidade:
—meu luto não admira
sua real magestade
e sabendo o que passou-se,
não acha ser novidade.

Eu perguntei a sultana:
—que foi que lhe aconteceu?
ela cheia de cinismo
chorando me respondeu:
—tive carta neste instante,
que o sultão, meu pae morreu!...

Eu achei conveniente
ela me participar,
procurando aquele meio
para se justificar
como eu estava sem geito,
fui obrigado a assinar...

Ela resmungou dizendo;
desgraçou-se o meu futuro!...
mais tarde serei vingada
em nome de Deus eu juro
foi chorar um ano inteiro,
trancada num quarto escuro...

Ela assim passou um ano
n'aquela horrendo sofrer:
não ia fóra no quarto
nem sequer para comer
lançava uma vez por dia,
somente p'ra não morrer...

Um dia eu fui visita-la
encontrei-a lastimando:
—nunca mais vi meu amante
não sei como vai passando
creio que ele não sabe,
eu também por onde ando!...

Eu julguei, que ela do preto
estava sem esperança,
porem ela conservava
o monstro em sua lembrança;
e contra mim se preparava,
p'ra tomar uma vingança...

Eu repeli a sultana
da forma que merecia,
ela gritou me dizendo:
—quem te deu tanta ouzadia?...
tù és culpado de tudo,
julgavas que eu não sabia?...

Eu puxei pelo alfange
p'ra corta-la pelo meio,
ela se fingiu alegre
e disse não tenho receio
porque penso que um sultão,
não faz um papel tão feio...

Neste tempo em que passou-se
aquela cena imoral,
tudo isto aqui era um ermo
coberto de matagal
e o terreno pertencia,
a família imperial...

Eu já estava bem ciente
que a minha prima sultana,
era além de feiticeira
uma bruxa deshumana
desta vez saiu de casa
passou mais de uma semana...

Durante aquela semana
fiz tudo quanto queria:
empregando toda força
na arte da bruxaria
construiu este palacio,
em menos de meio dia...

Depois do palacio pronto
ela veio me convidar,
se fingindo satisfeita
para irmos passeiar
eu que de nada sabia,
não fiz questão de aceitar...

Saiu comigo a passeio
na tarde do mesmo dia,
atravessando uma floresta
no pé de uma serrania
veio sair no castelo,
como quem não conhecia...

Quando avistou o castelo
falou-me assim com desdem:
—fulano aquele palacio
não foi visto por ninguém
vamos lá pertinho dele,
para ver se mora alguém...

Eu aceitei o convite
porque não tinha maldade,
ela ficou muito alegre
pois tinha muita vontade
de tomar sua vingança,
por meio da falsidade...

Entramos pelo castelo
numa sala mobiliada,
ela seguia na frente
como quem estava vexada
eu pensei que tudo aquilo,
não queria dizer nada...

Quando chegamos aqui
neste lugar que estaes vendo,
ela virou-se p'ra mim
zangada foi me dizendo:
—hás de pagar muito caro,
os males que estou sofrendo...

Fez um certo resmungado
e com raiva me contéplou,
aquele grande misterio
não sei como se passou
sei que fiquei depois disso,
assim do geito que estou...

Depois que deixou-me assim
foi buscar o namorado,
trouxe ele para aqui
p'ra esse mesmo sobrado
ele está num gabinete,
que fica do outro lado...

Repare bem, meu amigo
a minha situação!...
ela vem diariamente
com um nervo de boi na mão
dá-me cinquenta lapadas,
meu sangue corre no chão...

Toda essa barbaridade
não acha suficiente,
depois me deixa enrolado
no couro de uma serpente
para mais mofar de mim,
me diz que assim estar decente!...

Já tenho apanhado tanto
que faz vergonha dizer,
só me traz como alimento
agua e pão para comer
por isso eu tenho a certeza,
de em poucos dias morrer...

Ainda não satisfeita
de tanta barbaridade,
saciando os seus caprichos
da criminosa vontade
em menos de dez minutos,
destruiu minha cidade...

Fez das praças um grande lago
o senhor conhece bem;
das ilhas fez quatro oiteiros
que se avista muito alem
fez dos habitante peixes,
e soltou no lago tambem...

Os peixes de quatro côres
de modo assim diferente:
te digo, não tenha medo
são quatro classes de gente
que vivem naquele lago,
pagando por inocente!...

Os vermelhos são os Perças
devido a religião,
os brancos são Mulsumanos
o peixe azul é cristão
são judeus os amarelos,
filho de outra nação...

Eu março por este mundo
inteiramente perdido,
meu corpo virado em ferro
meu imperio destruido
se havia de estar assim,
antes tivesse morrido...

A jovem que o senhor viu
com a varinha na mão,
que saiu de sua parede
recostou-se no fogão
e conversou com os peixes,
é minha esposa, pois não...

Aquele prêto que viste
já pela segunda vez,
que saiu do pé do muro,
fazendo o que a jovem fez
virando os peixes em carvão,
com a maior rapidez...

É justamente este preto
de que eu tenho falado,
dei-lhe um golpe tão certo
deixei-o inutilizado
reside aqui neste prédio,
porém naquele outro lado...

Quando ela passa aqui
que me deixa ensanguentado,
vae diréto onde está ele
o prêto seu namorado
acaricia o mais que pode,
mas ele sempre calado...

Há tempo ela procura
mas nunca pode encontrar,
um charlatão curiôso
que lhe pudesse arranjar
um remedio que fizesse,
aquele prêto falar...

Trabalhava dia e noite
não descansava um instante,
sujeitava-se a pagar
uma quantia importante
p'ra ouvir uma palavra,
da boca do seu amante!

O sultão que escutava
já na expectativa,
disse, acabando de ouvir
esta imunda narrativa:
—uma bruxa como esta,
não posso deixa-la viva,

Disse ele ao mancêbo:
—faz favor de me explicar,
de modo minucioso
onde fica este lugar?
todo seu padecimento,
sou eu quem quero vingar.

Disse o mancêbo: agradeço
teu sacrificio por mim,
te peço, tenha cuidado
senão ela dar-me fim
não vá mata-la a traição
p'ra eu não ficar assim...

O sultão lhe respondeu:
—não serei tão inocente,
eu quero é desencanta-lo
e provar-lhe unicamente
que o senhor inda vai sêr,
o que era antigamente.

Tornou-se bastante alegre
o tal mancêbo encantado,
o sultão disse até logo
e seguiu muito vexado
para o lugar onde estava,
o africano deitado.

Como o lugar era perto
ele chegou num instante,
viu logo que o preto era,
um monstro repugnante
e só dava sinal de vida,
pelo olhar penetrante.

O preto assim quasi morto
inda olhava com desdem;
o sultão chegou p'ra perto
certificando-se bem
que a bruxa andava por fóra
e ali não tinha ninguém.

Puxou pelo seu alfange
e disse ao negro: é agora,
pegou no fino da perna
arrastou ele p'ra fóra
meteu-lhe o alfange em cima,
matou-o na mesma hora.

Disse ele bem contente;
—o negro eu já dei fim,
mas este negro não pode
ficar descoberto assim
levou ele a toda pressa,
e sepultou no jardim.

Em menos de meia hora
estava o negro enterrado,
ele ai voltou ligeiro
e depois de preparado
deitou-se na mesma cama,
que o negro estava deitado.

Tinha amolado o alfange
estava bem prevenido,
tingiu a cara de preto
para não ser conhecido
nesta hora estava a bruxa,
surrando o pobre marido.

Depois que o pobre estava
com a roupa ensanguentada,
ela guardou o chicote
e saiu muito vexada
foi ver se o negro falava,
como era acostumada.

Quando chegou no lugar
a imunda feiticeira,
aproximou-se da casa
depois sentou-se na beira
julgando que inda era o preto
falou por esta maneira.

—Fala meu anjo querido
ao menos p'ra consolar!...
repara, não é de hoje
que vivo sempre a lutar
mas nunca achei um remedio,
que fizesse a ti falar.

Disse ele a feiticeira:
—que projetos são os teus?...
assim nunca obterás
perdão para os crimes meus:
ninguém tem poder no mundo,
poder só existe em Deus!

Respondeu-lhe a feiticeira :
—quanto eu fui tão ruim!...
se achas que eu sou culpada
de estaes sofrendo assim
responde querido amante,
o que desejas de mim!

—Sim ; disse ele : és culpada
de padecer tanta gente,
eu pelo menos, sou um
que há tempo vivo doente
por causa do teu marido,
que sofre por inocente...

Iludiste o teu marido
por meio de falsidade,
não satisfeita em trata-lo
com tanta barbaridade
devoraste os bens dele,
o imperio e a cidade!...

Nunca houve quem fizesse
aquilo que Deus não quiz,
eu pelejei muitos anos
estou assim, mas nunca fiz
por este motivo justo,
não podemos ser feliz...

Para que eu inda possa
ficar restabelecido,
é necessario tú ires
libertar o teu marido
desencantando o imperio,
como d'antes tinha sido...

Esta caridade a ele
eu não fiz porque não pude,
para eu ser quem já fui
não precisa que me ajude
quando ele for quem já foi,
eu tambem terei saude!

Disse ela, me perdôa
por tanta barbaridade...
se tiver sua saude
sujeita a minha vontade
eu vou já no quarto dele,
para dar a liberdade.

Disse isso e correu logo
p'ra onde estava o marido,
chegou lá transformou ele
no principe que tinha sido,
dizendo ; agradeça isto,
a quem me fez o pedido.

Assim que o principe se viu
da forma que desejava,
deu uma grande carreira
que o mato abria e fechava
pensando que a feiticeira,
ainda lhe procurava.

Dali foi ela p'ro lago
onde tinha se acampado,
chegou meteu a mão n'agua
fez um certo resmungado
deixando a linda cidade,
no seu primitivo estado.

Depois que ela fez isto
disse por toda a cidade;
se fiz este beneficio
não foi por minha vontade
foi para salvar um ente,
que tanto tenho amisade,

Ficaram todos contentes
por terem se libertado,
ficou tambem o imperio
novamente organizado
faltava o rei que era o principe
o tal mancebo encantado.

Depois que já tinha feito
tudo que o preto mandou,
estava muito longe dele
mas num instante voltou
julgando que era o preto,
a ele se apresentou.

Quando chegou foi dizendo:
---pronto meu anjo querido,
fiz tudo quanto mandaste
libertei o meu marido
reconstrui o imperio,
como dantes tinha sido.

Quando ele avistou ela
sorria de tão contente,
e lhe disse: há quantos tempos
eu me acho aqui doente
porém com esta noticia,
eu fiquei bom de repente.

Disse ele: da-me um abraço
aquece o meu coração,
que a tempo vive gelado
aqui nesta solidão
ela deu um passo a frente,
e segurou-lhe na mão.

Pegou na mão dela e disse:
---me ajuda amada senhora,
comsigo mesmo dizia:
—a melhor quadra é agora
deu-lhe um golpe tão certo,
tirou-lhe a cabeça fôra.

Quando ela caiu morta
ele deu uma risada,
e gritou com muita força:
---morreste bruxa malvada
fizeste tanto feitiço,
para morrer degolada.

Saiu depressa da cama
que estava o preto deitado,
depois agarrou a bruxa
levou com todo cuidado
sepultou na mesma cova,
que o preto estava enterrado.

Dali seguiu para o lago
correndo muito vexado,
muito adiante ele encontrou
o principe desencantado
devido estar muito fraco,
inda não tinha chegado.

Depois que eles se juntaram
foram então comentar:

—o principe de tão alegre
não podia coversar
e perguntou ao sultão:
—como posso eu lhe pagar!?

Naquelas dôces palavras
lhe respondeu o sultão;
---eu de ti não quero nada
só fiz minha obrigação
de salvar um bom amigo,
daquela imunda prisão.

Dali partiram eles dois
naquela longa jornada,
em vez de lago encontraram
a cidade embandeirada
e o povo todo esperando,
do principe, a sua chegada.

Assim que avistaram o principe
a grande população,
olharam todos p'ro céu
e puzeram os joelhos no chão
vivendo a feliz chegada,
do rei da sua nação.

Os vassalos do sultão
que ali tinham ficado,
quase morrem de alegria
vendo o lago transformado
tambem esperavam a vinda,
daquele seu chefe amado.

Depois juntaram-se todos
n'uma bela ocasião,
a comitiva do principe
e os vassalos do sultão
houve ali longos discursos,
e parabens a multidão.

Disse o principe ao sultão:
---consinta eu recompensa-lo
para o seu rice imperio
eu pretendo acompanha-lo
como seu paiz é longe,
iremos tudo a cavalo.

Seguiu o grande cortêjo
para a côrte imperial,
os personagens da côrte
com a familia real;
foram levar o sultão,
na sua terra natal.

Quando tiveram a noticia
que seu monarca chegou,
rolou festa quinze dias
e quando se terminou
somente em vender bebidas,
não foi só um que enricou.

O principe mandou chamar
o pescador velho honrado,
e disse; a ti devo tudo
por teres principiado
a descobrir o feitiço,
por quem eu fui encantado.

Deram-lhe tanto dinheiro
que não poudo carregar,
levou o que as forças deram
o resto deixou ficar
morreu com cento e dois anos,
sem ser preciso pescar. T. IV

Fim Recife, 6-8-946

Preço 3 Cruzeiros

Não Deixe De Lêr :

O Dia de Juizo

Historia de Balduino (ou o

Estudante que se vendeu ao Diabo)

Recife Novo, ou o Guia do Recife

1097

**A venda na casa Athayde
na rua dos Pescadores, 57**

Remete se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importância do pedido para qualquer estado do Brasil

A Pernambucana
De NIGRO A. SILVA

Livros, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros. Depósito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde. Grandes descontos aos revendedores
Mercado Modelo n, 158 - BAHIA

Distribuidor exclusivo das publicações de João Martins de Athayde: Perfumaria Minerva Rua Frel Miguelinho, n. 87 Natal-Rio Grande do Norte. Hygino Aguiar Perfumista

**Também á venda na rua Japaratuba, 737
Aracajú -- Marcelino de S. Bittencourt**
